



## Como trabalhar o repertório cultural dos alunos e a comunicação conforme proposta da BNCC a partir da cultura afrodescendente?<sup>i</sup>

## How to work the students' cultural repertoire and communication as proposed by the BNCC based on Afro-descendant culture?

*Eliane Alves de Oliveira*

 <http://orcid.org/0000-0002-2782-9332>

Escola de Aplicação Dom Bosco  
cdbelianealves@bol.com.br

**DOI: 10.22481/odeere.v5i9.6611**

**RESUMO:** A real necessidade de adequar o currículo escolar às chamadas aprendizagens essenciais citadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem sido destaque em discussões e capacitações na área educacional em todo o país. A escola do século XXI, apesar de já ter apresentado alguns avanços, ainda está presa a livros didáticos cuja proposta é a transmissão de conteúdos que supostamente serão cobrados em exames oficiais. Muitas dessas propostas pedagógicas não levam em consideração o aluno como um ser integral com cabeça, coração e mãos. O foco é simplesmente o aspecto cognitivo. Talvez seja essa a razão pela qual muitos educadores em atuação em sala de aula têm a impressão de estarem falando sozinhos. Os alunos não demonstram a mínima motivação para aprender. Este relato de experiência foi realizado por intermédio de uma intervenção, desenvolvida durante um trimestre no Colégio Dom Bosco de Ipiaú - Ba, com base num conjunto de atividades mediadas por coordenadores, professores e, principalmente, os alunos que, conforme proposta da BNCC, atuaram como protagonistas do processo ensino-aprendizagem. Isso foi o que proporcionou o

projeto interdisciplinar motivado pelo livro *África e Brasil: história e cultura* da Editora FTD, cujo autor é Eduardo D'Amorim. A escola deixa de lado o trabalho mecânico de conteúdos, ressignifica a aprendizagem envolvendo temas como racismo, fome, miséria, preconceitos, direitos humanos, e todo o repertório artístico dos alunos. Tudo isso atrelado a conteúdos das áreas de Linguagens e Ciências Humanas, com foco em duas competências propostas pela Base: o repertório cultural e a comunicação.

**Palavras-chave:** Cultura Afrodescendente; Repertório Cultural; Base Nacional Comum Curricular; Alunos; Comunicação.

**ABSTRACT:** The real need to adapt the school curriculum to the so-called essential learning cited in the National Common Curricular Base (BNCC) has been highlighted in discussions and training in the educational area across the country. The 21st century school, despite having already made some progress, is still stuck with textbooks whose proposal is the transmission of contents that are supposed to be charged in official exams. Many of these pedagogical proposals do not consider the student as an integral being with a head, heart and hands. The focus is simply the cognitive aspect. Perhaps this is the reason why many educators working in the classroom have the impression that they are talking to themselves. Students do not show the slightest motivation to learn. This experience report was made through an intervention, developed during a quarter at Colégio Dom Bosco in Ipiaú - Ba, based on a set of activities mediated by coordinators, teachers and, mainly, students who, as proposed by BNCC, acted as protagonist of the teaching-learning process. This was what provided the interdisciplinary project motivated by the book *Africa and Brazil: history and culture* of Editora FTD, whose author is Eduardo D'Amorim. The school leaves aside the mechanical work of content that resignifies learning involving themes such as racism, hunger, misery, prejudice, human rights, and the entire artistic repertoire of students. All of this linked to content in the areas of Languages and Human Sciences, focusing on two competences proposed by the Base: cultural repertoire and communication.

**Keywords:** Afro-descendant culture; Cultural Repertoire; National Common Curricular Base; Students; Communication.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, elevou-se a preocupação de as escolas melhorarem os seus currículos com base nas dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que passou por longos 30 anos de construção,

visando a equidade educacional, determinando com clareza o que todos os alunos têm direito de aprender, servindo de referência para os currículos de todas as redes escolares, públicas e particulares, bem como a elaboração de materiais didáticos e para a formação de professores (BRASIL, 2018, p.26).

O aluno atinge outro patamar: o de protagonista do processo ensino-aprendizagem. Tal proposta, conforme Deschamps (2019, p. 26), visa priorizar as aprendizagens essenciais que toda criança precisa desenvolver desde a educação infantil até o Ensino Médio. Embora tenha caráter normativo, a BNCC não é considerada currículo. É um documento norteador da prática pedagógica, que deverá adequar-se a cada realidade (estado, município, unidade escolar).

Segundo mencionado acima, a BNCC elenca dez competências gerais a serem desenvolvidas pelos alunos ao longo da Educação Básica. Essas competências irão orientar os componentes curriculares com o objetivo de promover a formação integral do aluno. Delors afirma que essas competências gerais da Base estão relacionadas aos quatro pilares da Educação ao longo da vida: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver. Dentre elas, duas serão abordadas ao longo desse relato: o repertório cultural e a comunicação.

O Repertório Cultural, competência 3, tem como objetivo “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (BRASIL, 2018, p.9). Possui relação direta com as áreas de Linguagens e Ciências Humanas. Dessa forma, torna-se real a necessidade de desenvolver no aluno a apreciação e a sensibilidade para toda e qualquer manifestação de arte e cultura. Consoante Utuari (2012), o professor pode aplicar atividades que permitam aos estudantes usar saberes já incorporados à sua vida sociocultural diária envolvendo o universo da arte. Quando a escola propõe atividades voltadas para essa competência, de modo eficaz, está lapidando nos aprendizes a expressão, seja ela verbal ou escrita, o conceito de diversidade, construção de identidade, dentre outros.

## A Comunicação, competência 4, discorre sobre

utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p.9).

Essa competência dialoga diretamente com a área de Linguagens, porém transita com tranquilidade por toda e qualquer área. Com base na comunicação, o professor proporciona momentos de escuta entre os alunos, respeito, curiosidade e interesse. É importante que todos possam se expressar escrita e verbalmente de forma que os interlocutores os compreendam, por meio de debates claros e coerentes (CEOLIN; CHASSOT; NOGARO, 2015).

Assim, pensando num trabalho voltado para a Base, o Colégio Dom Bosco, escola da rede privada de ensino, que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio há 42 anos, localizada na cidade de Ipiaú, Bahia, Brasil, desenvolveu em 2018 um projeto pedagógico com o objetivo de protagonizar os alunos do Ensino Fundamental 2 à 2ª série do Ensino Médio no universo do saber. A proposta envolveu as áreas de Linguagens e Ciências Humanas.

Então, como surgiu a ideia?

O colégio adota paradidáticos para cada série do Ensino Fundamental 2. Dentre esses paradidáticos encontrava-se em 2018 um título que chamou a atenção da Coordenação Pedagógica que levou a proposta para a Coordenação de Eventos. Todos os anos o colégio promove a MOSTRA DE FILOSOFIA E ARTE, projeto muito rico em estudo e ações onde os principais atores são os alunos. Logo, a sugestão para a temática da mostra foi aquele título: África e Brasil: História e Cultura, cujo autor é Eduardo D' Amorim, que se fez presente no dia da culminância do projeto e saiu encantado.

De fato, o que chamou a atenção no livro? A obra amplia essa visão restrita em relação à contribuição africana para a formação do povo brasileiro. Essas contribuições vão muito além dos elementos culturais como alimentação, ritmos, instrumentos musicais e palavras incorporadas ao nosso idioma. Basta um olhar investigativo para se descobrir inúmeros entrelaçamentos.

Segundo afirmam Vieira, Costa e Araújo (2012), fazer o aluno conhecer a história da África e do negro e suas contribuições para o Brasil auxiliará a desfazer

os preconceitos e estereótipos relacionados ao segmento afro-brasileiro, como também contribuirá para a resignificação da autoestima dos jovens e das crianças marginalizados por escolas de padrões eurocêntricos, abdicando da pluralidade étnico-cultural de sua formação. Daí a importância de todas as escolas inserirem em seus currículos, seja de História, Filosofia, Linguagens, temas que promovam a valorização do outro, independente de raça, crença, etnia.

Em seu livro, Eduardo D' Amorim (2016, p. 5) acrescenta

conhecer a história da África e como essa história se entrelaça com a história da América e, principalmente, do Brasil nos ajuda a entender melhor por que a África é uma importante matriz cultural brasileira. Esse caminho nos ajuda também a afastar visões deturpadas e estereótipos que, por muito tempo, prevaleceram, disseminados especialmente pela tradição oral e pela literatura.

Fica evidente que o objetivo desse relato de experiência é, antes de mais nada, servir de referência para educadores que desejam melhorar sua prática, resignificando o seu conteúdo, através de atividades que se aproximem ao máximo da realidade dos alunos, trazendo-lhes motivação e entusiasmo na sua função de aprendizes. Tudo fará mais sentido para aquele aluno de pele negra que, na maioria das vezes, é só mais um dentro da sala de aula. A fala do professor pode e deve atingi-lo de forma muito mais prazerosa do que ouvir falar de temas que não o representa.

## **PRIMEIRA ETAPA**

No primeiro momento, as propostas envolveram as disciplinas da área de Linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física, Inglês). Dentro da disciplina Língua Portuguesa, houve um trabalho específico voltado para literatura, análise linguística e produção textual.

O primeiro contato dos alunos com o livro *África e Brasil: história e cultura* foi mediado pela professora de literatura que apresentou a obra e solicitou que fosse realizada uma pesquisa sobre o autor para saber em que contexto surgiu a ideia de escrevê-lo. Descobriram que a obra veio após o autor lançar um livro que também tratava sobre a África, intitulado "África, essa mãe quase desconhecida". Segundo palavras do autor em entrevista através de um vídeo, o livro já foi motivo

de muita alegria para ele quando ganhou o primeiro lugar no prêmio Jabuti de Literatura Brasileira. Por tudo o autor ficou bastante surpreso. Primeiro porque não foi ele que fez a inscrição para concorrer ao prêmio. A Editora FTD que o fez sem que Eduardo d' Amorim tivesse conhecimento. E, segundo, ganhar o prêmio. A pesquisa foi socializada entre todos os alunos no dia agendado pela professora.

A partir daí, iniciou-se a leitura, com estudo da vida e obra do autor. Os alunos iam avançando na leitura dos capítulos, realizando as questões propostas no próprio livro, porém com ênfase voltada para as discussões que tinham como objetivo promover a interação verbal entre os interlocutores, promovendo a troca de experiências e conhecimentos. Sobre essa questão, Bakhtin escreve

“[...] a língua se constitui em um processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre interlocutores, não sendo um sistema estável de formas normativamente idênticas. Assim, os sujeitos são vistos como agentes sociais, pois é por meio de diálogos entre os indivíduos que ocorrem as trocas de experiências e conhecimentos”. (FUZA, 2011 apud BAKHTIN, 1992).

Dentro de análise linguística, a professora orientou que os alunos escolhessem e fizessem recortes, à medida que o processo da leitura ia sendo desenvolvido na aula de literatura, das partes do livro que tivessem chamado a sua atenção. Foram os mais variados recortes. Utilizando-os, cada um em tempo oportuno, a professora aplicava os conceitos voltados para análise linguística. A gramática estudada de forma contextualizada.

Segundo Marques (2019, p. 68)

não é mais possível ensinar a gramática por ensinar; mais importante do que classificar um período ou uma palavra é escolher o período ou a palavra que atenda à intencionalidade de quem escreve ou fala o texto, produzido em dada situação de comunicação e em um determinado campo de atuação. Além do mais, é preciso considerar as escolhas da BNCC: não será desenvolvida apenas uma análise lingüística, mas também semiótica, já que o documento aponta para a necessidade de análise de múltiplas linguagens, como requer os gêneros digitais, que pede exame do formato, das cores, do tamanho da letra, som, movimento, etc.

Assim, as queixas que os alunos outrora apresentavam durante as aulas de gramática quanto a ter que decorar todas aquelas regras foram reduzidas a quase zero. As aulas passaram a ter mais sentido.

A parte escrita, a produção textual, ficou por conta da professora de Redação que já podia contar com um amplo leque de temas muito interessantes

a partir dos quais pôde elaborar as suas propostas textuais. Sem falar na diversidade de gêneros, incluindo os digitais, que os alunos puderam conhecer e produzir. Textos dissertativos para o 9º e Ensino Médio trabalhando o preconceito racial; para as turmas menores, 6º ao 8º anos, textos narrativos como contos e fábulas, charges e tirinhas; gêneros digitais tais como memes, gifs, vlogs. Também puderam produzir e fazer análise de gráficos e tabelas.

Conforme a BNCC, é necessário levar em consideração os novos multiletramentos, adotar práticas da cultura digital não somente irá contribuir para uma participação mais efetiva por parte dos alunos, mas também promover o exercício das diferentes linguagens e diferentes letramentos, desde o mais básico ao mais avançado (BRASIL, 2017, p. 68).

Também foram realizadas pesquisas sobre os países africanos que falam a Língua Portuguesa, as palavras africanas que a ela foram incorporadas e o estudo das variações linguísticas entre os dois países.

Em Arte, foram desenvolvidas várias atividades voltadas para a cultura afro-brasileira. No quesito alimentação, os alunos identificaram os pratos brasileiros oriundos da África, a forma de preparo dos alimentos, o que no Brasil ainda se preserva na forma de preparo desses alimentos. Ao final, fez-se um almoço coletivo com pratos brasileiro de origem africana, almoço este compartilhado por todos os alunos. Perceberam que a culinária baiana (D'AMORIM, 2016, p. 114) é o maior símbolo dessa influência com o vatapá, acarajé, caruru... todos os alimentos ligados à mitologia dos orixás.

Ainda com a disciplina em questão, começou-se um estudo sobre as músicas, os ritmos e as danças preservados até os dias atuais na cultura brasileira. Curiosamente, os alunos pesquisavam e muitas descobertas realizavam como, por exemplo, as cantigas de ninar que até hoje são reproduzidas por mães ao embalar em sono seus filhos. A religiosidade também foi tema de muitas aulas de Arte. Interessante que quando aconteciam as discussões voltadas para as religiões de origem africana, muitos alunos, no início, externavam certos preconceitos que, a professora, ao perceber, adentrou num trabalho de conscientização sobre a intolerância religiosa, tema que já foi abordado em provas anteriores do ENEM. A nona competência geral da BNCC discorre exatamente sobre esse assunto: empatia e cooperação para fazer-se respeitar e promover o respeito ao outro e

aos direitos humanos; acolher e valorizar a diversidade, sem preconceitos de qualquer natureza.

Inevitável mesmo era não falar sobre as músicas e as danças que tanto influenciaram a cultura brasileira. A capoeira foi muito bem lembrada, até porque foi inscrita, em 2014, na Lista do Patrimônio Mundial Imaterial da Unesco (D'AMORIM, 2016, p. 116) e, o samba, o ritmo que se tornou símbolo do Brasil. Nesse período, o colégio pôde proporcionar aos alunos a apresentação de grupos da comunidade de capoeira e maculelê. Essas apresentações aconteciam durante o intervalo interativo. Os alunos, principalmente os que já praticavam, entravam na roda de capoeira e era momento de muita alegria ver cada um dando a sua contribuição, ensaiando, ainda que de forma tímida, alguns passos.

Com isso, houve uma ressignificação das aulas de Educação Física. O corpo humano e as formas que assumia a partir dos movimentos realizados durante uma apresentação de capoeira passou a ser analisado nesse aspecto e os benefícios dessa atividade para a saúde.

Por fim, a proposta de Inglês nessa primeira etapa. Os alunos, da mesma forma que pesquisaram os países africanos cujo idioma oficial é a Língua Portuguesa, também estudaram os países africanos que tem o Inglês como idioma oficial, com foco nas variações linguísticas entre o inglês britânico e o praticado naqueles países.

## **SEGUNDA ETAPA**

No segundo momento, as propostas envolveram as disciplinas da área de Humanas (História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Atualidades). As propostas da disciplina Sociologia ficaram limitadas às turmas do Ensino Médio, já que não é um componente obrigatório no Ensino Fundamental II.

Uma das disciplinas em que o professor pôde trabalhar de forma muito tranquila foi História. Acredita-se que seja quase impossível falar em história do Brasil sem mencionar o continente africano e as situações marcantes e temerosas pelas quais passaram aquele povo. Situações essas que deixaram marcas não só físicas, mas também na alma de um povo que sofre muito até os dias de hoje.

A escravidão foi um dos temas mais discutidos. Através de pesquisas, os alunos puderam entender a gravidade da situação vivida pelos negros. Muitos depoimentos extraídos da internet chocavam as turmas que, demonstraram revolta e repúdio a um ato tão desumano como foi a escravidão ao longo de tantos anos. Esse era um dos objetivos do professor de História: sensibilizar os alunos, no intuito de trazer as reflexões para os dias de hoje, percebendo que, talvez não apenas com o negro, a escravidão ainda se faz presente em nossa sociedade. Assume outras formas, que não deixa de ser escravidão. Nas relações de trabalho essa prática ainda está muito presente. Sobre esse aspecto, Siqueira (2010, p.130) traz em seu artigo que

o que diferencia o trabalhador escravo de hoje dos escravos negros de outrora não é a cor da pele, pois, para se escravizar hoje, é usado o critério da origem, da condição econômica e social do trabalhador. O trabalhador escravo de hoje assemelha-se ao escravo negro, no tocante ao trabalho forçado ou obrigatório, em que sua liberdade é tolhida e o seu direito de ir e vir é monitorado por pistoleiros ou gatos armados, feito os capitães do mato de outrora. E, ainda, é semelhante em relação às condições degradantes de habitação, onde os alojamentos de lona de plástico ou palha são espécies de senzalas, cuja alimentação é deficiente, as instalações sanitárias são precárias e a água bebida não é potável.

Além do tema da escravidão, o professor de História realizou estudos com os alunos a respeito das viagens de exploração dos portugueses à África e, de forma interdisciplinar, os alunos compreenderam por que alguns países africanos têm a Língua Portuguesa como idioma oficial. Para encerrar os trabalhos, os alunos organizaram uma exposição com as especiarias (amendoim, gengibre, pimentas africanas, cominho, entre outras), um dos desejos dos portugueses nas viagens para esse continente.

Já em Geografia, muitas descobertas interessantes os alunos vivenciaram: as atividades econômicas para as quais os escravos eram destinados aqui no Brasil e os quilombos existentes no território brasileiro. Dessa forma, os alunos identificaram que realmente existia o interesse econômico a busca por trabalhadores africanos. Antonil, em sua obra publicada em 1711, escreve expressamente

Os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho. Porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente. E do modo como se há com eles, depende tê-los bons ou maus para o serviço. Por isso, é necessário comprar cada ano algumas peças e reparti-las pelos partidos, roças, serrarias e barcas. E porque comumente são de nações diversas, e uns mais boçais que outros e de

forças diferentes, se há de fazer a repartição com reparo e escolha, e não às cegas.

Então, o que se percebe é que os senhores de engenho desejavam acumular fortunas e propriedades às custas da exploração dos escravos que vinham trabalhar, principalmente, nos engenhos de açúcar, nas lavouras de café e na exploração de ouro e diamante. Essas atividades econômicas foram identificadas pelos alunos através de imagens que o professor forneceu. Os alunos também montaram painéis com essas imagens, relacionando-as com os processos que marcaram a captura e o tráfico de seres humanos da África para a América.

Com auxílio de um mapa do Brasil, desenhado pelos próprios alunos em tamanho expressivo (2mX1,5m), os alunos identificavam com tinta guache os estados brasileiros nos quais existiram quilombos nos séculos XVII-XIX. Perceberam que a maioria deles ficavam localizados em regiões de difícil acesso e descobriram que, muitos, não abrigavam apenas negros, mas também indígenas e trabalhadores livres pobres. Curiosamente, desfizeram a ideia equivocada de que quilombo era só para negro. Pernambuco e Alagoas foram os estados mais destacados no mapa, já que foram os dois estados brasileiros que mais reuniam comunidades quilombolas, com o mais famoso dos quilombos: Palmares.

Um desafio foi lançado aos alunos: descobrir se no Brasil ainda existem quilombos. Eles pesquisaram, levaram o resultado para a sala de aula e compartilharam as informações. Entenderam que ainda existem no Brasil uma média de 3500 comunidades remanescentes de quilombos e nada mais são do que agrupamentos que herdaram as principais características desses espaços, formados por netos e bisnetos de escravos.

Filosofia, Sociologia e Atualidades, como eram disciplinas ministradas por um único professor, conseguiu desenvolver um trabalho bem coeso, voltado para a luta contra o racismo até o tema a miséria e fome no mundo, não só nos países africanos. Em dia determinado, o professor solicitou que toda a comunidade escolar, não apenas os alunos, usasse uma das vestimentas na cor preta em repúdio ao racismo. Também foi feita uma campanha de doação de alimentos coordenada pelos próprios alunos. Ao final, montaram cestas básicas e, acompanhados do professor, doaram a comunidades carentes da cidade.

As discussões sobre os direitos humanos foi tema de muitas aulas,

principalmente nas turmas de Ensino Médio (1ª e 2ª séries). Paulo Freire (2000, p. 119) deixa um legado a todo educador: o de construir e reconstruir experiências educacionais que respeitem os direitos humanos e que considere que o ser humano é naturalmente “um ser da intervenção no mundo (...) e por isso mesmo deve deixar suas marcas de sujeito e não pegadas de puro objeto. É necessário dar ciência a todos os alunos de que todos os cidadãos têm direitos e deveres.

A importância do lazer; do direito à diversidade de pensamento e de crença; do respeito nas relações interpessoais; do direito à moradia, a saúde e a educação são exemplos de temáticas que envolvem a construção da cidadania e que podem ser o eixo *vertebrador* do currículo escolar (ARAÚJO, 2008). É um conhecimento para além dos muros da sala de aula. O professor, inclusive, deve levar para a sala de aula a Constituição de 88 e trabalhar seu artigo 5º que traz os direitos sociais de todos os cidadãos brasileiros que, infelizmente, não cumpridos.

É imensurável o ganho na formação de crianças, adolescentes e jovens quando a escola se propõe a trazer para a sala de aula temáticas que vão muito além do livro didático. É aprendizagem para a vida na construção do caráter e conhecimento para todos os envolvidos, inclusive para o próprio professor.

### **TERCEIRA ETAPA**

Chegou o grande dia, 28 de setembro, uma sexta-feira. O evento aconteceria à noite, mas durante o dia foram suspensas as aulas para acontecer o ensaio geral. Os figurinos foram confeccionados por uma costureira terceirizada que presta serviços para o colégio. Agora, os últimos momentos de um projeto belíssimo que durou um trimestre, ficou na memória de todos os alunos que tiveram o prazer de participar e fazer-se crescer como ser humano.

Essa etapa talvez tenha sido a mais marcante: desde os ensaios até o dia da culminância com a presença de toda a comunidade que compareceu para aplaudir e se emocionar com um lindo espetáculo, onde os principais atores eram os alunos, na grande maioria filhos daquele que se fizeram presentes.

Nesse momento, cada turma, monitorada o tempo inteiro por professores que se revezavam, desenvolveu uma apresentação baseada na temática a que foi designada, conforme mostra a Tabela 1.

**Tabela 1:** Turmas e temas apresentados no Projeto ÁFRICA E BRASIL: HISTÓRIA E CULTURA, 2018.

<b>TURMA</b>	<b>TEMA</b>
6º ano	Capoeira
7º ano	Mandela –Apartheid
8º ano	Dança – maculelê
9º ano	A África e a fauna
1ª série – EM	Escravidão e racismo
2ª série – EM	África e Bahia : religiosidade

Fonte: Arquivo do autor.

Como é possível perceber, fazendo a leitura da Tabela 1, alguns temas das apresentações estavam voltados para as contribuições africanas para a cultura baiana, a exemplo, a capoeira e a religiosidade. Tudo pronto para o espetáculo iniciar. E iniciou-se com alguns atrasos normais. A abertura ficou por conta do autor Eduardo D'Amorim que estava presente (Fig. 01).



Fig. 01: Autor Eduardo D'Amorim abrindo as apresentações do Projeto. Fonte: Arquivo do autor.

O 6º ano fez sua apresentação com o tema Capoeira que é um misto de dança, luta e jogo, em que adversários enfrentam-se nas rodas ao som de cantos e ritmos produzidos por atabaques, berimbaus e pandeiros, principalmente (D'AMORIM, 2016, p. 116). Muitos alunos habilidosos por já treinarem arte fora do ambiente escolar (Fig. 02).



Fig. 02: Apresentação de Capoeira executava pela turma do 6º ano. Fonte: Arquivo do autor.

Vale destacar a performance do 7º ano com o tema Mandela – Apartheid que previa estrita segregação racial entre população de origem europeia e africanos (D'AMORIM, 2016, p.148). Nelson Mandela da banda britânica The Specials foi a música que embalou o público animado.

O 8º ano apresentou um número baseado no maculelê, numa apresentação teatral contando através da dança e de cânticos a lenda de um jovem guerreiro, que sozinho conseguiu defender sua tribo de outra tribo rival usando apenas dois pedaços de pau, tornando-se o herói da tribo.

O 9º ano usou um figurino confeccionado com tecido de estampa que lembrava os animais da espécie felinos para retratar a África e sua fauna. A música

de fundo foi a trilha sonora de O Rei Leão *The Lion King: Original Motion Picture Soundtrack*, composta e produzida por [Elton John](#) e [Hans Zimmer](#). Apesar de parecer uma apresentação infantil, a indicação era para todo o público por focar na preservação e respeito aos animais.

A apresentação da 1ª série do Ensino Médio com os temas Escravidão e Racismo foi emocionante (Fig. 03). A reflexão acerca dos fatos passados e que são vividos até hoje foi algo muito espontâneo por todos que assistiam àquele evento. Viam-se olhos que lacrimejavam a todo momento na plateia.



Fig. 03: Apresentação sobre Escravidão e Racismo executada pela turma da 1ª série do Ensino Médio. Fonte: Arquivo do autor.

A última a se apresentar foi a turma da 2ª série do Ensino Médio. Com o tema África e Bahia: religiosidade, os alunos deram um show no quesito representação da intolerância religiosa. Desmistificaram preconceitos, mostrando que tudo faz parte da cultura de um povo e, como tal, deve ser respeitada.

Para custear gastos, já previstos, como som, iluminação, figurinos vários, adereços, a escola determinou uma taxa a ser paga pelos pais. Todo esse processo, desde a primeira etapa, foi avaliativo. Parte da nota final do terceiro

trimestre seria suprida com a participação nesse projeto.

A disciplina mais requisitada nesse momento foi Arte, pois os alunos participavam frequentemente de ensaios, durante 30 dias, visando aprimorar as expressões faciais, os movimentos durante a dança, bem como a confecção de todos os adereços usados por eles no dia da apresentação. Foi o momento quando a turma atuava em práticas diversificadas de produção artístico-cultural em diversas modalidades: um misto de dança, música, teatro e artesanato. Para Utuari (2012), quando a BNCC discorre sobre o ensino de Arte, traz cinco unidades temáticas onde são citados teatro, dança, artes visuais e música, que são as quatro linguagens artísticas. Isso vai se ampliando para as Artes integradas. Para ela, as linguagens artísticas podem ser trabalhadas de forma isolada ou dialogando com outras, interdisciplinarmente.

Logo, os alunos iam aprimorando a cada dia suas habilidades artísticas com empenho e dedicação apesar do estresse e da preocupação que aumentavam à medida que o dia de se encontrar com o público se aproximava.

A competência 4, Comunicação, citada logo no início desse relato, entrava em cena o tempo inteiro. De fato, os alunos se expressavam e partilhavam informações, experiências, ideias e sentimentos nos mais variados contextos (na escola, na família, na rua) sempre atrelados à produção de sentidos e entendimento mútuo (BRASIL, 2018, p.9)

Todos os momentos das apresentações foram aplaudidos de pé pelo público muito emocionado com as mensagens deixadas pelas expressões nos rostos dos alunos que ali protagonizavam e pelo repertório musical escolhido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base no objetivo proposto inicialmente, conclui-se que é necessário promover a aprendizagem de forma que o educando se sinta valorizado e parte integrante do processo ensino-aprendizagem, não um mero receptor de uma avalanche de informações que não dialogam com a sua vivência. O professor precisa saber que aquele aluno afrodescendente precisa ouvir falar de suas origens, ver sua cultura valorizada e, saber que ele tem valor, que é um ser humano igual em direitos e oportunidades como aquele outro loiro dos olhos verdes.

Só isso não basta. O aluno tem que ter acesso ao conteúdo, com olhar crítico e investigativo. Não com postura de aceitação. A partir desse olhar, pensar em como se tornar um ser melhor e, futuramente, ser um cidadão que interfira de modo positivo na sociedade, combatendo toda forma de preconceito, racismo, principalmente.

As duas competências da BNCC, o Repertório Cultural e a Comunicação, citadas no início desse relato como referência para o desenvolvimento desse projeto foram alcançadas conforme objetivo inicial. O Repertório Cultural transitou nas práticas diversificadas de toda produção artístico-cultural. A Comunicação se fez presente nas diferentes formas de utilizar a linguagem - verbal, visual, corporal, sonora e digital – que foram usadas pelos estudantes para se expressar e partilhar informações em diferentes contextos.

É importante ressaltar que, apesar de a Lei 10.639/03 defender o ensino à luz da cultura afrodescendente com foco na cultura e combate ao preconceito racial, as escolas, quando muito, lembram o negro no dia da Consciência Negra no mês de novembro. Isso é muito pouco para um conteúdo tão vasto e rico. Basta saber que a sociedade é resultado direto da contribuição do povo negro na área social, econômica e política. A representatividade deve ser tema recorrente em sala de aula, pois, é importante que o aluno se reconheça e se aceite como negro. Esse é o princípio de tudo. O projeto África e Brasil: História e Cultura representou tudo isso de forma democrática e prazerosa.

Então, vale a pena apostar numa pedagogia voltada para a formação integral do indivíduo. Um ser cheio de emoções, sentimentos e que tem uma história a ser considerada.

## REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. **Cultura e Opulência no Brasil por suas drogas e minas**. Obra publicada originalmente em 1711. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000026.pdf>. Acesso em: 26 de abr de 2020.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. Pedagogia de projetos e direitos humanos: caminhos

para uma educação em valores. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-73072008000200014>.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 29 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a base. Brasília, DF, 2018.

CEOLIN, IZAURA; CHASSOT, ATTICO INÁCIO; NOGARO, ARNALDO. AMPLIANDO A ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA POR MEIO DO DIÁLOGO ENTRE SABERES ACADÊMICOS, ESCOLARES E PRIMEVOS. **REVISTA FÓRUM IDENTIDADES**, ITABAIANA: GEPIADDE, Ano 9, v. 18, mai.. – ago. 2015.

D'AMORIM, Eduardo. **África e Brasil: História e Cultura**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2016.

DELORS, Jacques (Org). **Educação: um tesouro a descobrir**. UNESCO, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FUZA, Ângela Francine; Ohuschi, Márcia Cristina Greco; Menegassi, Renilson José. Concepções de Linguagem e o ensino da leitura em língua materna. **Linguagem & Ensino, Pelotas**, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

MARQUES, Paula. BNCC e ensino de Língua Portuguesa. In: BNCC **na prática: ensino fundamental: anos finais**. 1 ed. São Paulo:FTD, 2019.

SIQUEIRA, Túlio Manoel Leles de. O TRABALHO ESCRAVO PERDURA NO BRASIL DO SÉCULO XXI. **Rev. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg.**, Belo Horizonte, v.52, n.82, p.127-147, jul./dez.2010.

UTUARI, Solange. **Encontros com a arte e cultura**. São Paulo: FTD, 2012.

VIEIRA, J. V. COSTA, K. F. REI, M. R. A. ARAÚJO, P. C. A. **O ensino de história da África: Pressupostos para pensar práticas metodológicas na sala de aula com o uso das tecnologias digitais**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba. 2012. Disponível em [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.44.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.44.pdf). Acesso em 26 de abr de 2020.

**Eliane Alves de Oliveira:** Atuante na área educacional há 20 anos - incluso, paralelamente, 8 anos junto à gestão escolar enquanto coordenadora. Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e especialização em Ensino da Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Santo Agostinho. Atualmente é coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental II e professora do Ensino Médio da Escola de Aplicação Dom Bosco (Ipiaú-BA).



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 30 de abril de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 23 de maio de 2020.

<sup>i</sup> Para o desenvolvimento desse relato não houve financiamento de órgãos de fomento.